

CAPACITISMO, SEXISMO E RACISMO NAS TRAJETÓRIAS ACADÊMICAS DE MULHERES NEGRAS COM DEFICIÊNCIA: UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL

GESSER, Marivete. Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis/SC, Brasil. E-mail: mariveteg@gmail.com.

AYDOS, Valéria. Professora do departamento de Medicina da Universidade Federal do Pampa, Uruguaiana/RS, Brasil. E-mail: valeria.aydos@gmail.com.

BLOCK, Pamela. Professora do Departamento de Antropologia da Western University: London/ON, CA. E-mail: pblock@uwo.ca.

ESCADA, Alice Steele Santos. Estudante do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis/SC, Brasil. E-mail: alice.escada03@gmail.com.

Resumo

O capacitismo vem sendo amplamente estudado com o foco nas suas implicações no ensino superior. Todavia, os estudos que examinam o capacitismo no contexto da universidade a partir de uma lente interseccional ainda são bastante incipientes. Este artigo tem como objetivo examinar as implicações da interseção entre capacitismo, sexismo e racismo nas trajetórias acadêmicas de mulheres negras com deficiência no Brasil. Como perspectiva teórico-metodológica, a pesquisa dialogou com estudos da deficiência na educação e os estudos feministas da deficiência. As informações foram obtidas por meio da utilização de um formulário sociodemográfico e entrevistas em profundidade com 12 mulheres negras com deficiência e analisadas por meio de análise de narrativas. Os resultados mostraram que a intersecção entre capacitismo sexismo e racismo levou à percepção das participantes como menos capazes, além de invalidar a condição daquelas com deficiências invisíveis. Esse contexto levou muitas a adotarem estratégias de mascaramento de suas deficiências, identidades raciais e, dependendo da área de formação, de características associadas socialmente ao feminino, como uma estratégia para lidar com o capacitismo e outros sistemas opressivos presentes no ambiente universitário. O estudo mostrou a necessidade de as universidades construírem suas práticas pressupondo a presença da deficiência e considerando essa experiência como interseccional. Ademais, ressalta a importância de incorporar a temática da deficiência na formação inicial e continuada, bem como nas agendas de pesquisa no âmbito acadêmico. Por fim, o estudo reitera a necessidade de enfrentar o capacitismo e demais sistemas opressivos no âmbito do ensino superior de modo que pessoas constituídas por diferentes

marcadores sociais da diferença possam não somente se inserir na universidade, mas também permanecer nestes espaços sentindo-se pertencentes.

Palavras-chave: capacitismo, deficiência, interseccionalidade, ensino superior.

Introdução

Neste trabalho, examinamos as implicações da intersecção do capacitismo com o sexismo e o racismo nas trajetórias acadêmicas de mulheres negras com deficiência. A análise interseccional dos fenômenos sociais é uma perspectiva fundamental na pesquisa e nas práticas sociais. Ela possibilita compreender como as múltiplas formas de discriminação e de opressão se cruzam e produzem efeitos nos diferentes contextos sociais. Ao considerar as questões como as de gênero, raça, deficiência, classe e território, é possível examinar como essas dimensões estruturam as experiências e oportunidades das pessoas por elas atravessadas de maneira complexa e interconectada. Assim, Collins e Bilge (2021) destacam que o conceito de interseccionalidade é ferramenta analítica relevante para a visibilização das opressões na direção da justiça social.

No contexto do ensino superior, a intersecção do capacitismo com outros sistemas opressivos têm produzido vários efeitos para estudantes multiplamente marginalizados. Um fenômeno retratado por Abes e Wallace (2018) é o da hipervisibilidade dos estudantes com deficiência no meio universitário, o qual é um aspecto da reprodução do capacitismo, no momento em que o estudante não é mais visto como pessoa de direitos, mas a partir da sua deficiência e incapacidade. A hipervisibilidade da deficiência, segundo Brown e Leigh (2018), contribui para o apagamento de outras características interseccionais, como raça, orientação sexual e classe social.

Assim, o capacitismo é experimentado de forma desproporcional pelos estudantes cuja deficiência se cruza com identidades privilegiadas ou marginalizadas, moldando a complexidade da experiência da deficiência no ensino superior (Casement, Carpio de los Pinos, & Forrester-Jones, 2017, Freedman, Dotger & Song, 2020). A intersecção entre raça e deficiência produz uma opressão ainda maior, uma vez que pessoas negras foram historicamente patologizadas, reforçando ainda mais a vivência do capacitismo por esse grupo social, que duplamente não se enquadra no protótipo/estereótipo de um estudante universitário (Abes & Wallace, 2018). Ashley Taylor (2015) destaca que o estigma de que mulheres negras são intelectualmente incapazes transformou a resistência delas em falta de autocontrole e incapacidade.

Método

Essa pesquisa se caracteriza como qualitativa e tem como base epistemológica o diálogo entre os estudos da deficiência na educação e os estudos feministas da deficiência. Sobre o campo dos estudos da deficiência na educação, este tem como premissa central a desconstrução dos padrões de normalidade amplamente reproduzidos nos sistemas de ensino, os quais obstaculizam a inclusão de estudantes com deficiência e de outros grupos marginalizados (Connor & Gabel 2013). No que se refere estudos feministas da deficiência, destacamos o diálogo deste com os feminismos negro, interseccional e decolonial (Collins & Bilge, 2021), com a justiça deficiente (Sins Invalid, 2019), com a teoria crip (Kafer, 2013; McRuer, 2006) e com a perspectiva emancipatória da deficiência, com vistas a realizar os estudos COM as pessoas com deficiência e não SOBRE elas (Moraes, 2022).

O corpus narrativo desta pesquisa reúne 12 entrevistas com mulheres negras com deficiência de diferentes regiões do Brasil. As participantes precisavam ser mulheres (cis ou trans) com mais de 18 anos, ter deficiência (mesmo que diagnosticada na vida adulta), pele negra (parda ou preta), e terem cursado ou concluído o ensino superior no Brasil. Embora o convite não especificasse a exigência de vínculo com o ensino superior, todas as entrevistadas apresentaram trajetórias acadêmicas até esse nível.

Para a obtenção das informações, foram utilizados como instrumentos um formulário sociodemográfico e a entrevista em profundidade com caráter autobiográfico. O primeiro teve por finalidade reunir informações das participantes de forma a contemplar as especificidades relacionadas à deficiência e as suas intersecções. Para isso, o formulário abrangeu informações como nome, sexo, idade, identidade de gênero, orientação sexual, raça, deficiência, região, religião, escolaridade, ocupação, renda, moradia, serviços de saúde e assistência social utilizados. As entrevistas tiveram por finalidade o levantamento dos acontecimentos mais significativos das trajetórias educacionais das participantes e suas intersecções principalmente com o capacitismo, o racismo e o sexismo. As participantes foram convidadas primeiramente por meio das redes de contatos das autoras da pesquisa. Utilizou-se também a técnica *Snowball* (Baldin & Munhoz, 2011), além da divulgação da pesquisa nas redes sociais das pesquisadoras responsáveis pelo estudo. Após a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido, as participantes realizaram o preenchimento do questionário sociodemográfico e, de acordo com a disponibilidade delas, realizou-se o agendamento das entrevistas.

Alinhada aos estudos feministas da deficiência e dos estudos da deficiência na educação, esta pesquisa utilizou a análise de narrativas, que foca nas experiências de

grupos subjugados, como as mulheres negras com deficiência, cujas histórias são raramente consideradas. Gibbs (2009, p. 80) destaca que “ao analisar narrativas, histórias e biografias, pode-se examinar os dispositivos retóricos que as pessoas usam e como elas representam e contextualizam suas experiências”. Para organizar as narrativas, estas foram agrupadas por temas com base em semelhanças, evitando generalizações que apagassem as especificidades de gênero, raça e deficiência nas trajetórias das participantes. A pesquisa seguiu todos os princípios éticos recomendados pelas Resoluções 466/12 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde foram assegurados. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual constavam as informações sobre a pesquisa, foi lido e assinado por todas as participantes.

Resultados

As narrativas das participantes revelaram que o capacitismo era amplamente presente na universidade, interseccionando-se com racismo, sexismo e classismo. A partir análise das narrativas obtidas, identificamos três temas que evidenciam os efeitos dessa intersecção.

O primeiro tema se refere “**a intersecção do sexismo, racismo e capacitismo na manutenção das barreiras e na produção de estudantes lidas como ‘menos capazes’**”. As narrativas das entrevistadas mostraram que elas percebiam os efeitos do capacitismo e muitas delas também a intersecção deste com o racismo e o sexismo nas trajetórias acadêmicas para que fossem lidas como menos capazes. Ademais, algumas também relataram que tal intersecção deslegitimava a reivindicação da acessibilidade juntos aos professores e professoras.

Como exemplo desse primeiro tema, apresentamos a narrativa de Lúcia, uma mulher que durante a faculdade se tornou pessoa com deficiência física e psicossocial, percebe que a intersecção entre gênero, raça e deficiência produz como efeito o descrédito de mulheres negras com deficiência. Relatou que sua presença no curso de física era frequentemente desacreditada, pois “*toda vez que eu falo física, parece que as pessoas ouvem educação física, parece que as pessoas ouvem qualquer outra coisa, é [...] ou elas sempre também presumem que eu more em áreas mais periféricas*”. Na narrativa de Lúcia, ser pessoa com deficiência se intersecciona com gênero e raça, uma vez que ser uma mulher e negra em um curso de maioria masculina também mescla o sexismo e o racismo, borrando a possibilidade de identificação destes marcadores na diferença. Esta violência interseccional era reproduzida inclusive por estudantes, em frases como a que um colega

branco e sem deficiência disse para Lúcia: *“Nossa! Até você passou e eu não passei!”* e também por alguns professores, segundo ele *“desacreditam muito das pessoas racializadas, eles desacreditam muito de mulheres”*.

O segundo tema se refere **“a invalidação da condição de mulheres negras com deficiências invisíveis”**. Os relatos de algumas das participantes da pesquisa que possuem as chamadas “deficiências invisíveis” evidenciam que elas têm suas demandas de acessibilidade ainda mais desconsideradas. Isso parece estar relacionado tanto em decorrência do estereótipo de que mulheres negras são mais fortes fisicamente e, portanto, menos propensas a desenvolverem deficiências, como também à associação de deficiências, como por exemplo, o autismo, a homens brancos ou somente àquelas pessoas com imensa necessidade de suporte. Diante disso, a reivindicação da acessibilidade se torna um duplo desafio produtor de “fadiga do acesso” (Konrad, 2021), pois, além de repetidamente terem que lutar por seus direitos, se veem frente à necessidade de provarem que são pessoas com deficiência. Tal esforço demanda maior investimento e, muitas vezes, faz com que elas desistam ou nem sequer tentem reivindicar recursos de acessibilidade. Foi o que aconteceu com Helena, uma mulher autista estudante de pedagogia, que embora já vinha tentando há algum tempo em processo diagnóstico, somente conseguiu o laudo médico que lhe daria direitos de adaptações alguns meses antes da entrevista que nos concedeu. Ela relatou que embora ao longo de sua trajetória acadêmica alguns professores buscaram atender suas solicitações de acessibilidade, passou por uma situação em que um professor insinuou para a turma, em um momento em que ela não estava na sala, “[...] *que tinha gente por aí falando que era autista pra chamar atenção porque agora o autismo tá na moda*”.

Por fim, outro tema identificado foi **“Mascarar gênero, raça e deficiência: uma estratégia de driblar o capacitismo presente na universidade”**. O mascaramento de raça, deficiência e, a depender do curso em que as participantes estudam, também do gênero, foi uma estratégia comumente utilizada por algumas das mulheres entrevistadas para que elas pudessem transitar no contexto acadêmico. Essa estratégia pareceu ser mais utilizada por mulheres com deficiências invisíveis, que tinham a possibilidade de escolher se revelariam ou não sua condição, parece ser relacionada ao descrédito experienciado por elas, e faz com que muitas delas nem sequer tentem reivindicar seus direitos. Esse é o caso de Joana, uma mulher autista, que buscou parecer branca, por meio do processo de alisamento do cabelo, assim como quando retornou ao curso de medicina buscou mascarar suas características autísticas para se adequar às demandas do curso e não sofrer capacitismo. Isso fazia com que se sentisse mais próxima à turma. Segue o seu relato sobre

o cabelo especificamente: *E na primeira turma tinha eu de negra, mas nessa época eu alisava o cabelo, e quando você alisa o cabelo o povo lhe percebe como mais branca, então você vê o que passa porque seu cabelo tá alisado*” (grifo das autoras).

Considerações finais

Este estudo revelou como a intersecção do capacitismo com o sexismo e o racismo posiciona mulheres negras com deficiência como menos capazes na universidade e dificulta a reivindicação da acessibilidade, o que se acentua quando as deficiências são invisíveis. Por fim, foi possível identificar o quando que a intersecção entre o capacitismo com o sexismo e o racismo contribuiu para que as participantes buscassem mascarar a deficiência (e em algumas situações a raça e as características frequentemente associadas ao sexo feminino) como uma estratégia de se sentirem legitimadas a estarem na universidade. Dessa maneira, esses sistemas de opressão atuando de forma conjunta ajudam para a manutenção do lugar de privilégio dentro da academia dos considerados capazes.

Referências Bibliográficas

- ABES, E. S.; WALLACE, M. M. “People see me, but they don’t see me”: an intersectional study of college students with physical disabilities. *Journal of College Student Development*, v. 59, n. 5, p. 545-562, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1353/csd.2018.0052>.
- BAILEY, M.; MOBLEY, I. A. Work in the intersections: a Black feminist disability framework. *Gender & Society*, v. 33, n. 1, p. 19-40, 2019.
- BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 10., 2011, Curitiba. *Anais...* Curitiba: PUC-PR, 2011. p. 329-341.
- BROWN, N.; LEIGH, J. Ableism in academia: where are the disabled and ill academics? *Disability and Society*, v. 33, n. 6, p. 985-989, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/09687599.2018.1455627>.
- CASEMENT, S.; CARPIO DE LOS PINOS, C.; FORRESTER-JONES, R. Experiences of university life for students with Asperger’s Syndrome: a comparative study between Spain and England. *International Journal of Inclusive Education*, v. 21, n. 1, p. 73-89, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/13603116.2016.1184328>.
- COLLINS, P. H.; BILGE, S. *Interseccionalidade*. Tradução de R. Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.

CONNOR, D. J.; GABEL, S. L. "Crippling" the curriculum through academic activism: working toward increasing global exchanges to reframe (dis)ability and education. *Equity & Excellence in Education*, v. 46, n. 1, p. 100-118, 2013.

GIBBS, G. *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

KAFER, A. *Feminist, queer, crip*. Bloomington: Indiana University Press, 2013.

KONRAD, A. M. Access fatigue: the rhetorical work of disability in everyday life. *College English*, v. 83, n. 3, p. 179-199, 2021. DOI: <https://doi.org/10.58680/ce202131093>.

MCRUER, Robert. *Crip theory: cultural signs of queerness and disability*. New York: New York University Press, 2006.

MORAES, Marcia. PesquisarCOM: permanências e reparações. In: SILVEIRA, M.; et al. (orgs.). *PesquisarCOM: caminhos férteis para a pesquisa em psicologia*. Rio de Janeiro: Nau, 2022. p. 21-42.

SINS INVALID. What is disability justice? Adapted from Patty Berne's "Disability justice - a work draft". In: *Skin, tooth, and bone: the basis of movement is our people*. 2. ed. 2019. Disponível em: <https://www.sinsinvalid.org/disability-justice-primer>. Acesso em: 1 set. 2025.

TAYLOR, Ashley. The discourse of pathology: reproducing the able mind through bodies of color. *Hypatia*, v. 30, n. 1, p. 181-198, 2015.

Eixo temático prioritário: Eixo 10: Raça, gênero e corpos com deficiência: interseccionalidade e desafios contemporâneos.

Eixo temático secundário: As pessoas com deficiência na Universidade: relatos de experiências:

Fontes de Financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Bolsa na modalidade Produtividade em Pesquisa, nível PQ1D.

Conflitos de Interesse: Não Houve.

Ética em Pesquisa: Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CAAE – 59648022.9.0000.0121, Parecer n. 5.478.919).